



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Autor/ediitor: Nicholas de Genova	Cód.:
TÍTULO: The Borders of Europe: Autonomy of Migration, Tactics of Bordering	Data da ficha: 3 de Setembro 2018
Editora: Duke University Press	
Ano: 2017	
ISBN: 9780822368885	
Páginas: 367	

1. Observações sobre o conteúdo:

1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

De Genova diz-nos que entender a mobilidade humana (um fluxo primário e elementar) como um fenómeno de “migração” é já à partida aceitar que as fronteiras entre estados são naturais e inevitáveis. Se não existissem fronteiras, não existiria migração, apenas movimento (pág. 6). Segundo o autor, as fronteiras ganharam força e visibilidade como resultado das “táticas reativas” adotadas pelos estados (de forma por vezes convulsiva), mas a deslocação de pessoas (através dessas fronteiras) precede a sua criação.

Para de Genova, o conceito de “crise” (pág. 9) usado para descrever o fluxo massivo de refugiados em direção à Europa dá aos estados um pretexto para reforçar as fronteiras. Matteo Renzi, primeiro-ministro italiano, comparou o que está a acontecer com o tráfico de pessoas durante o tempo da escravatura, explicando dessa forma, e com um certo cinismo, a necessidade de reduzir este fluxo migratório. O termo “requerente de asilo” (“asylum-seeker”) automaticamente levanta suspeitas quanto à legitimidade do pedido de ajuda dos migrantes, que se pensa virem à procura de trabalhos e benefícios a que não têm direito. Não se considera que estas pessoas sejam verdadeiramente detentoras de “direitos humanos”, supostamente universais, visto que são sempre encaradas com suspeição. O modo como a cobertura deste fenómeno vai oscilando entre as designações “crise dos refugiados” e “crise de migração” indica que os refugiados são muitas vezes entendidos como “migrantes económicos” (pág 7), pessoas à procura de uma vida melhor mas não necessariamente em fuga. As

fronteiras não são apenas obstáculos espaciais mas tecnologias temporais que colocam certas pessoas em trajetórias precariedade prolongada.

A crise das fronteiras, segundo o autor, resulta em parte de uma permanente instabilidade epistémica no que toca à categorização e classificação de refugiados e migrantes. Esta confusão é fruto do emaranhado de motivos, de natureza muitas vezes plural, que levam estas pessoas a deslocar-se. Ainda que os refugiados sejam geralmente retratados apenas como vítimas, a verdade é que nunca deixam de ter aspirações pessoais/económicas e de tomar decisões estratégicas para melhor comandar os seus destinos. Deste modo, é natural que os conceitos de refugiado e migrante permaneçam em permanente tensão.

De Genova recapitula a posição de Slavoj Žižek (pág. 16) relativamente à crise dos refugiados: o facto de que tanta gente quer vir para a Europa diz-nos que as pessoas ainda vêm nela algo de valor; os refugiados sabem bem o que estão a fazer quando violam o código de conduta da cultura europeia (por exemplo em Colónia); devemos ajudá-los a libertarem-se da inveja que sentem em relação ao ocidente; o preço de serem admitidos é respeitarem a nossa cultura; devem assumir a sua responsabilidade na crise, o facto de cultivarem o “sonho do ocidente”, que faz com que se desloquem até à Europa. De Genova diz que as ideias de Žižek estão em linha com aqueles que promovem a supremacia da raça branca e colocam o outro sob permanente suspeição, criando um clima de “histeria racial”. Visto que não é só o terrorismo que preocupa a Europa mas a violação dos seus valores, hoje em dia todos os homens muçulmanos são potenciais suspeitos. Por sua vez, o medo dos refugiados, que no imaginário xenófobo aparecem associados aos terroristas, contrabandistas e a pessoas de sexualidades desviantes, serve de pretexto para um maior policiamento interno. Os refugiados são vistos ao mesmo tempo como uma “massa amorfa” de gente que pede proteção e um grupo ao comando dos espectros do terrorismo e da perversidade sexual.

Para de Genova, quando dizemos que a crise das fronteiras é uma “tragédia humanitária”, estamos a despolitizá-la (pág. 18), visto que o que está implícito é que esta terá sido causada pelos próprios países que agora nos mandam os seus refugiados. A Europa consegue desta forma lavar as suas mãos do seu passado colonial e dos interesses que mantém nesses territórios que responsabiliza pelo seu próprio empobrecimento. Na verdade, esses países sustentam, com os seus produtos e o seu trabalho, a prosperidade material do ocidente.

Segundo o autor, a “rota Balcã” (pág. 20) tem dado que falar nos últimos tempos por ser através dela que os refugiados chegam aos países ricos da Europa. A sua existência causa desconforto acima de tudo porque vários dos países da ex-Jugoslávia ainda não foram readmitidos no círculo da Europa oficial e genuína. Os cidadãos destes países fazem parte da mesma lista de indesejáveis que inclui várias nações subsarianas. Pressupõe-se que os conflitos jugoslavos já acabaram e que, portanto, as pessoas que saem da região, fazem-no meramente por razões económicas. Também se tenta simplificar as particularidades étnicas dos ciganos, chamando-lhes “europeus de leste” e ignorando a sua história de discriminação. Em suma, a crise das fronteiras deve ser entendida como um fenómeno político e não humanitário.

Na perspectiva de de Genova, a questão das fronteiras não deve ser entendida como um entre muitos tópicos que dizem respeito à Europa mas sim como um tema central (pág. 22) que coloca em causa o modo como a definimos. Ainda assim, esta crise não deve ser vista como um fenómeno meramente local. Hoje em dia a Europa funciona como um laboratório onde se vai experimentando e improvisando com novos métodos de regimentação e restrição das liberdades humanas.

1.2. Palavras-chave:

Migração; Fronteiras; Movimento; Refugiados; Crise; Asilo; Migrantes Económicos; Nova Escravatura; Xenofobia; Perversidade Sexual; Crise Humanitária; Ex-Jugoslávia; Ciganos;

Para citar esta ficha de leitura:

João Paulo Guimarães (2018), ficha de leitura do livro: de Genova, Nicholas. *The Borders of Europe*. Durham: Duke UP, 2017.